

Arquivo Histórico de Joinville

Volume 2 Número 1 jun./1985

Criado pela Lei Municipal n. 1182 de 20/03/1972 na gestão do Prefeito Harald Karmann, tendo sido seu 1º Diretor A.B.Schneider

Prefeitura Municipal de Joinville - PMJ

Prefeito: Sr. Wittich Freitag

Fundação Cultural de Joinville - FCJ

Presidente: Prof. Miraci Dereti

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ

Responsável: Maria Thereza Böbel

Equipe de Trabalho:

Elly Herkenhoff - Historiadora

Gessônia Leite de Andrade - Datilógrafa

Carmen Buchholz - Datilógrafa

José da Silva - Auxiliar

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ
v.1, n.1, out./1983 Joinville, 1983
Bimestral.

I. Documentação. História de Joinville.
Periódico.

CDU 002:9(816.42J)(05)
CDD 029.7098154005

SUMARIO

página

Julie Engell (última parte)	
Elly Herkenhoff.....	1
Curiosidades do KOLONIE-ZEITUNG	
Trad.: Maria Thereza Bübel.....	5
O Leitor pergunta.....	7
Relatório Bimestral de Atividades.....	8

AHJ, Jlie., 2(5) junho de 1985

Julie Engell

Elly Herkenhoff

Por mais surpreendente que seja a expressão "sua Engell", partindo de pessoa culta como era Rodowicz, ali está, no original alemão: "seine Engell" - expressão empregada pelo autor para designar Julie Engell, a companheira de Guenther.

É quem era Julie Engell?

A página 26 de sua obra, antes de se ocupar com as atividades de Guenther, Rodowicz dizia o seguinte:

"Guenther chegou ao Rio em fins de 1849. Como vários preparativos, concernentes à colônia, ainda não estivessem terminados por parte do governo brasileiro o embarque de Guenther para Dona Francisca sofreu algum atraso. Em setembro ainda voltou por pouco tempo ao Rio, tendo nessa ocasião solicitado, a um dos funcionários da firma Schäfer & Cia. um terno para um pobre homem, que desejava levar como servente. Conforme se evidenciou posteriormente, esse servente era "femini generis", isto é, uma interessante berlinense, de nome Julie Engell. Essa heroína de barricadas, em sua viagem para a Austrália, havia desbarcado no Rio e, ali já tendo perdido toda a cotação, pelo menos assim, em consequência de sua ligação com Guenther, se aproximou um pouco mais do seu lugar de destino. Nós, porém, devemos às suas hábeis mãos os lindos desenhos no jornal ilustrado e, quem sabe, à sua pena os diversos relatórios. Ainda existiam por ocasião de minha partida, as ruínas do belvedere, do qual Julie Engell descortinou o que a nenhum outro mortal foi dado apreciar até hoje, motivando assim, as primeiras queixas sobre o logro, embora toda e qualquer pessoa, após bastante reflexão, pudesse chegar à conclusão de que era humanamente impossível transformar, tão rapidamente, a floresta virgem em uma paisagem encantadora como aquela representada no jornal". - - -

Nenhuma dúvida, portanto, em relação à autora dos lindos desenhos - desenhos estes que decidiram a sorte de inúmeros imigrantes e filhos e netos e tetranetos de imigrantes de Joinville, uma vez que, de acordo com o nosso cronista, muitos foram os cidadãos que, após a publicação do jornal, resolveram "tentar a sorte" na tão atraente - e já tão próspera - colônia às margens do ribeirão Mathias, o ribeirão que levava águas cristalinhas para o rio Cachoeira, "a melhor água para beber", conforme o engenheiro Guenther...

Nenhuma dúvida quanto à sua condição de "heroína de barricadas", nenhuma atenuante, nenhuma contemplação com a "interessante berlinense" que no Rio "já tinha perdido toda a cotação"...

Apenas uma dúvida a esclarecer - uma só: teria sido na qualidade de heroína de barricadas, que Julie tinha perdido a cotação no Rio? Como servente "femini generis"? Como desenhista? Ou como visionária talvez?

Percebe-se a austeridade, a rigidez de princípios do oficial, do capitão Rodowicz-Oswiecimsky, autor da obra. Mas adivinha-se, por trás de sua aspereza, o amargor da decepção do imigrante que, talvez por ter acreditado em uma utopia, sentiu-se frustrado, ludibriado, em face da dura realidade aqui encontrada.

Rodowicz chegou a 27 de setembro de 1851, pelo brigue "Gloriosa", integrando uma leva de pessoas das mais cultas que não correspondiam ao tipo de colono comum. Pessoas que, voluntariamente, se haviam decidido à emigração em consequência dos tumultuosos acontecimentos na Europa - entre os quais o rumo desastroso tomado pela Guerra Teuto-Dinamarquesa. É o próprio Rodowicz quem nos relata, não só todo o decorrer da viagem, mas também a primeira grande decepção aos recém chegados e da reação do diretor interino, Eduard Schroeder, quando alguns dos imigrantes manifestaram o seu desapontamento. Disse Eduard Schroeder, provavelmente bastante irritado: "Não esperávamos damas e cavaleiros. Aqui só necessitamos de trabalhadores".

Tamanha decepção - somada aos princípios tradicionalmente austeros do europeu em relação à mulher e sobretudo, às reivindicações da mulher naquela época turbulenta - fez com que o cronista não perdoasse a Julie Engell, nem a autoria dos desenhos tidos como enganosos e nem a sua condição de feminista.

Na realidade, são pouquíssimos os dados existentes a respeito de Julie, afora os já citados de Rodowicz. No entanto, Friedrich Sommer, profundo conhecedor da história da imigração alemã no Brasil, em seu trabalho "Die Deutschen in São Paulo" (Os Alemães em São Paulo) trabalho este existente no arquivo do Instituto Hans Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão, com sede em S.Paulo, cita o depoimento de Anna Krug Kupfer - casada com o médico Dr. Kupfer - a qual se formou em um Instituto de Educação em Limeira, S.P. Diz o historiador F.Sommer:

"Anna, a filha caçula do casal Heinrich Krug, completou seus estudos em 1855-56, no educandário feminino particular, mantido pela senhora Guenther em Limeira. Esta preceptora, oriunda de Meclemburgo, chamava-se em solteira Julie Engell. Havia

participado, como pioneira do movimento feminista, dos acontecimentos políticos de 1848 em Berlim, vendo-se em decorrência deste fato coagida a abandonar a Alemanha. Segundo Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, que escreveu sobre a colônia Dona Francisca, em Santa Catarina, o destino de Julie Engell teria sido a Austrália, mas tendo conhecido o engenheiro Guenther, no Rio, com ele se dirigiu para a referida colônia, onde chegou em 1850. Julie Engell ou senhora Guenther teria sido autora dos desenhos e talvez até mesmo dos relatórios publicados no "Jornal Ilustrado", a respeito da colônia. Após o encerramento das atividades de Guenther em Dona Francisca, esse engenheiro ocupou vários cargos em S.Paulo, enquanto a senhora Guenther retornou à profissão de educadora, sendo nesta qualidade que Anna Krug a conheceu. É por intermédio da mesma cronista que sabemos, ainda, que ela reencontrou a sua antiga professora em 1869 em Berlim e que a mesma faleceu, muitos anos mais tarde, em avançada idade, na Suíça". - - -

Ainda segundo Anna Krug, o engenheiro Guenther em 1854 foi concessionário da empresa de iluminação pública a gás, na capital de São Paulo, tendo a 24 de setembro daquele ano pedido rescisão do contrato, em vista da impossibilidade de executar as obras da instalação, pelo preço estipulado de..., 10:500\$00. No interior do Estado foi engenheiro-chefe na construção de estradas e é provável que o tenha sido quando Julie, sua esposa, mantinha o educandário em Limeira.

Pouquíssimos, aparentemente, os dados existentes. Sabemos, no entanto, por intermédio de Friedrich Sommer, que Julie foi preceptora, professora formada na Alemanha e diretora de um colégio, sem dúvida freqüentado por meninas e moças de famílias da melhor sociedade limeirense da época. Sabemos ainda que Julie, senhora de vasta cultura geral, participou, como feminista pioneira, do movimento de 1848 em Berlim. Assim, basta-nos situá-la dentro de sua época, dentro daquela Europa ainda mal cicatrizada das guerras napoleônicas, sacudida pelos manifestos incendiários de Engels e de Marx, convulsionada pelas revoltas, aqui e ali -- na França, na Itália, na Áustria, na Alemanha -- e, ainda assim, a meio caminho já da superindustrialização e do superdesenvolvimento. É preciso situá-la dentro da atmosfera explosiva da alvorada Berlim de 1848, situá-la como pioneira do movimento feminista, como "heroína de barricadas" e, evidentemente, como companheira da corajosa Luise Otto-Peters, a feminista que, nesse ano, naquele tumultuado ano de 1848, lançou o seu programa de ação, reclamando para a mulher o direito de se instruir em

diversas profissões, até então ditas masculinas, o direito de ganhar honestamente o seu pão, como escriturária, guarda-livros, comerciária, postalista, e não mais apenas como costureira, bordadeira, preceptora, dama de companhia - as únicas profissões acessíveis à mulher da classe média, e miseravelmente remuneradas, devido à enorme concorrência. Desafiando intransigentemente a opinião tradicional e generalizada, segundo a qual a mulher não possuía a capacidade ética e intelectual necessária ao desempenho de outras funções. Luise Otto-Peters e suas companheiras de luta, ainda assim exigiam infinitamente pouco, em face da situação dramática, insustentável, da mulher solteira da classe média - a mais sacrificada em nome da tradição e dos bons costumes. Os ideais defendidos pelas feministas pioneiras - que não podem e não devem ser confundidas com as feministas da atualidade - seriam concretizados apenas lentamente e bem mais tarde, inclusive com a admissão da mulher ao estudo na universidade.

Assim, a imagem da "heroína das barricadas", surgindo em meio ao rebuliço de uma época de transição e, por isso, turbulenta, assume proporções surpreendentemente humanas. Imagem bem diferente esta, da feminista pioneira de Berlim, da educadora de Limeira, bem diferente daquela transmitida por Rodowicz - o ultratradicionalista oficial do exército - e assim retransmitida e assim gravada na história de Joinville: a distorcida imagem de uma Julie Engeli, autora de desenhos artificiosos e amásia do engenheiro Guenther. Sem dúvida - a "nossa" Julie foi sua companheira, pois com ele chegou a Dona Francisca e com ele daqui partiu. Se amásia, se esposa - quem, para afirmá-lo ou contestá-lo, depois de 125 anos? Quem aqui ou alhures, parastirar-lhe a primeira pedra?

Curiosidades do KOLOMIE-ZEITUNG

Trad. Maria Thereza Böbel

KZ n.8 - 20 de fevereiro de 1875 - Estatística da Colônia Dona Francisca do ano 1874: o nú-

mero de habitantes da Colônia teve, o ano que passou, um aumento de 302 pessoas. O número total de habitantes, incluindo São Bento com 396 pessoas, subiu para 7.860 almas, das quais 1.670 habitam 280 casas na vila de Joinville, enquanto que a área rural conta com 6.190 moradores em 1.176 casas. Os nascimentos superaram os falecimentos em quase o quádruplo, nasceram 347, faleceram 93, a maioria nos primeiros anos de vida. Houve 62 casamentos. 125 pessoas deixaram a colônia em direção a outras localidades. - A lavoura, além dos métodos primitivos, é movida por 75 arados, com os quais são cultivados cerca de 250 ha; além disso, apoiam a lavoura 44 engenhos de mandioca, 14 engenhos de arroz - um movido a vapor, 6 a água e 7 por tração animal - 42 engenhos de açúcar e alambiques - 2 movidos a vapor, 7 a água e 33 por tração animal; 3 mecanismos para fabricação de araruta e 6 moinhos d'água para moagem de milho e trigo. Além disso há 13 olarias, 7 serrarias (uma movida a vapor), 3 alambiques e fábricas de vinagre e 3 fornos de cal. A manufatura, que se concentra principalmente em Joinville, demonstra, para uma colônia tão recente, um desenvolvimento acentuado, e a maioria de seus produtos são exportados, entre eles se destacam os produtos de marcenaria, curtumes, funilarias, serralherias, saboarias, cestas e trabalhos em couro. Exercendo estas profissões constam: 20 pedreiros, 44 marceneiros, 32 carpinteiros, 12 segeiros, 1 construtor naval, 4 torneiros, 6 tamanqueiros, 1 fabricante de pentes, 14 ferreiros, 10 funileiros, 2 caldeireiros, 38 alfaiates, 38 sapateiros, 13 curtidores, 9 seleiros, 7 padeiros, 10 açougueiros, 30 charuteiros, 12 moleiros, 1 cordoeiro, 10 serralheiros, 2 relojoeiros, 4 tipógrafos, 2 oleiros, 20 tijoleiros, 1 saboeiro e fabricante de velas, 3 jardineiros, 2 tintureiros, 3 fabricantes de bonés, 22 costureiras, 16 carroceiros, 16 barqueiros, 1 cestheiro, 48 comerciantes, 5 farmacêuticos, 10 taberneiros, 1 fotógrafo, 2 médicos, 2 cirurgiões, 16 professores, 3 professoras, 6 parteiras, 4 coveiros, 2 hospedeiros, 1 enfermeiro, 4 tanoeiros, e 3 encadernadores. As escolas estão em boas condições, principalmente a Escola Pública mantida pelo Padre Carlos Bögershausen e 3 professores auxiliares, freqüentada por 360 crianças; além desta há 11 escolas particulares para crianças de ambos os sexos e uma para meninas. Ao todo, 795 crianças freqüentam a escola, e o ensino é ministrado por 16 professores e 3 professoras. Cada uma das 11 escolas particulares recebe uma

ajuda mensal de +- 10 mil réis da Direção da Colônia. .. O hospital cuidou, durante o ano que passou, de 39 doentes, 29 tiveram alta já curados, 5 tiveram alta em recuperação e 4 ficaram em tratamento. O tratamento estendeu-se a 1.594 dias e custou 4:699\$170 Rs. - A exportação, composta de açúcar, cachaça, manteiga, araruta, arroz liturado, couro curtido, tabaco, charutos, móveis, carros, calçados, roupas feitas, ferro, artigos de serralheria, funilaria e selarias, cal, tijolos e telhas, fizeram um total de 370 contos, e seus compradores foram Montevidéu, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, Curitiba, Desterro, Rio Negro e o planalto além da serra. A importação, composta de matérias primas para várias indústrias, trigo, tabaco da Bahia, carne seca, toucinho, gado, mate, açúcar, diversos gêneros alimentícios e matérias primas para os mesmos, foi feita da Europa, Rio de Janeiro e o planalto além da serra e ficou em 330 contos. - O antigo serviço terrestre entre Santa Catarina, as estações intermediárias e São Francisco foi cancelado com a implementação da linha naval costeira, sem que com isso houvesse alguma melhora na correspondência, pelo contrário, já que o correio terrestre era mais pontual e seguro que o vapor São Lourenço; também o serviço de estafeta, autorizado pelo Departamento Geral de Correios, entre Dona Francisca e São Francisco foi suspenso, causando uma paralização na correspondência rápida entre o vapor do Rio e a Colônia. Além da incerteza da chegada e da partida do Lourenço, tem ele ainda o transtorno das tarifas muito altas para passageiros e carga. - A Colônia foi poupada pelas doenças epidêmicas, e o estado de saúde em geral é satisfatório; também não houve, no ano que passou, preocupações quanto aos buegues e seus ataques. Para combatê-los e para proteção contra os mesmos, foram mandadas à Direção da Colônia local 30 carabinas com munição; no entanto, faltam às últimas as espoletas, de modo que às armas seriam inúteis, não fossem colocadas as referidas espoletas à disposição por particulares. Espoletas comuns não podem ser usadas nestas armas, já que os percussores das mesmas tem o dobro do tamanho que nas armas comuns, além disso, o governo liberou 100 mil. reais mensais para contratação de guardas, mas como o citado ofício não especifica, onde e como podem ser arrecadados estes 100 mil. reais, este serviço teve que ser suspenso até segunda ordem. .. O ponto alto no ano que passou foi a exposição, que, como se pode ver em relatórios anteriores, demonstrou resultados surpreendentes do desenvolvimento industrial e econômico local. - A esperança, recentemente alimentada, de se encontrar uma mina de ferro em São Francisco, provou ser ilusória, já que o bloco ali encontrado é um meteorito.

— II —

O Leitor pergunta...

... tenho visto até agora o nome do jornal "Kolonie-Zeitung" com E inicial e agora, no fac-símile da capa do último boletim do Arquivo, aparece com C. O que está correto?...

Nós respondemos...

Na época da fundação do "Kolonie-Zeitung", ainda se usava escrever muitas palavras alemãs oriundas do latim, escrever com C - por exemplo: Cultur, Colonisation, Redaction, Contract, Sclave, Concurrenz. No entanto havia uma tendência muito acentuada entre os escritores alemães mais categorizados, para a germanização de tais palavras, passando ao uso generalizado a grafia: Kultur, Kolonisation, Redaktion, Kontrakt, Sklave, Konkurrenz. E o nosso "Colonie-Zeitung" aderindo à reforma, apresentou-se como "Kolonie-Zeitung" a partir do número 1 do ano de 1869.

— X —

CONTRIBUA PARA O ACERVO DO AHJ

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ
Praça Lauro Müller, s/n.
Caixa Postal D-100
89200 - Joinville - SC

Aceitamos doações e fornecemos recibos de: jornais, documentos, fotografias antigas

AHJ, Jlle., 2(5) junho de 1985

Relatório Bimestral - mai. e jun. 19851. Atividades:

- 1.1 A partir de 8 de maio, Elly Herkenhoff e Maria Thereza Böbel, a pedido da Secretaria de Turismo, fizeram uma série de palestras, num total de 10, sobre Joinville, aos funcionários daquela secretaria, visando prepará-los para melhor receber os turistas que aqui chegam. As palestras versaram sobre a história, costumes, pronúncia correta de palavras e nomes alemães, de ruas, confeitarias, restaurantes, pontos turísticos, idéias gerais sobre quem foram por exemplo Otto Boehm, João Colin, Ottokar Doerffel, nomes de importantes ruas de nossa cidade. Procuramos desta maneira dar respostas às eventuais perguntas formuladas por turistas.
- 1.2 No mês de junho, graças à ajuda do Presidente da Fundação Cultural de Joinville, Prof. Miraci Dereti, e apoio cultural da Cia. Hansen Industrial, conseguimos uma capa para o nosso Boletim, que até então tinha apenas as folhas grampeadas. Esta capa, com um "fac-símile" do número piloto do "Kolonie-Zeitung", tem-nos valido muitos elogios e é mais um motivo de interesse por parte de nossos leitores.
- 1.3 Continuamos a trabalhar na elaboração de genealogias de famílias, que serão publicadas pelo Instituto Hans Staden em São Paulo. Deverá ser o vol. 7, e trará grande número de famílias tradicionalmente joinvillenses, tornando-se assim um complemento do trabalho de fichamento de imigrantes.
- 1.4 Também o trabalho de tradução das listas de navios e fichamento de imigrantes continua sendo feito regularmente, dentro do tempo disponível.

2. Doações:

- 2.1 O Senador Dr. Carlos Gomes de Oliveira ofertou-nos o livro de sua autoria "Integração", lançado recentemente na Academia Catarinense de Letras. São estudos sociais e históricos de Joinville.
- 2.2 Recebemos da Fundição Tupy S.A. uma doação em dinheiro, que havia sido solicitada para ajudar na elaboração da capa do nosso Boletim. Como a capa foi impressa com o apoio cultural da Cia. Hansen Industrial, vamos usar a doação da Fundição Tupy para reencadernar nossa coleção do "Kolonie-Zeitung", desencadernada para microfilmagem e desde então em estado lastimável, correndo sério risco. Seria uma perda irreparável, já que possuímos, presumivelmente, a única coleção completa no mundo.

3. Serviços realizados no bimestre:

3.1 Cópias xerox.....	403
3.2 Consultas:	
Genealogia.....	1
Jornais.....	94
Diário Oficial.....	44
História.....	32
3.3 Correspondência:	
Typejada.....	33
Recebida.....	27
3.4 Encadernação:	
Recabidos.....	67 v.
3.5 Recortes de Jornais:	
Recorte.....	2841
Classificação.....	2841